

ARTE

Sentido de uma manifestação

LOURIVAL GOMES MACHADO

Diá 6, quinta-feira da semana passada, ocorreu um acontecimento dos mais importantes para a vida artística de São Paulo. Um grupo de artistas, em si mesmo bastante numeroso e ainda mais representativo por não ter conhecido contraste ou restrição de qualquer de seus iguais, realizou uma manifestação de desgosto á porta da galeria em que se inaugurava a exposição de Manabu Mabe. Como é obvio, não se tratava de algo contra o expositor, que aliás veio á rua confraternizar com os confrades manifestantes, oferecendo como penitencia aquele mesmo traço que é seu unico pecado: uma constante e insanavel ingenuidade. Como é igualmente obvio, dirigia-se a manifestação contra o proprietario da galeria, porém, para além desse objeto direto dos protestos, apanhava em cheio a diretoria do Museu de Arte Moderna. Esta, efetivamente, pela culposa omissão que só se interrompeu nas manobras diversionistas, primeiro criou e depois, por todo o tempo já transcorrido, manteve insolúvel o que, nos meios de arte, passou a chamar-se "o caso Profili". Iludiu-se, julgando poder abafar, confundir e deixar que o passar dos dias diluisse, insolvida, uma questão de sua immediata responsabilidade e na qual se envolviam, fundamente prejudicados, interesses legitimos dos artistas. Sucede que estes, espicaçados em sua consciencia e dignidade, além de perceberem claramente a tática protelatoria, resolveram assumir de publico aquela mesmo função de juiz que, de inicio, esperavam ver exercida pela direção do Museu. Vieram, portanto, á rua, ditar sentença.

O acontecido no diá 6 não passa, em summa, de sequela natural e necessaria de anteriores fatos anormais que nestas columnas registrei, com imprescindível protesto, quando, no primeiro instante da questão, os diretores do Museu, reitmando velho habito pernicioso, se dispunham a dispensar aos artistas que os interpelavam, formal e seriamente, aquele tolerante e despreziyo tratamento destinado ás crianças e aos incapazes de toda a sorte. Se, pouco antes, havia formulado, pessoal e diretamente, criticas ao rumo insolito que o Museu tomava com seus novos "estafetos" e sua "nova" diretoria, não era difícil perceber, na denuncia então formulada pelos artistas e desprezada pelos diretores, a consequencia fatal duma situação institucional em que a vacuidade profissional e tecnica, tão laboriosa e obstinadamente estabelecida, haveria de conduzir, como já então conduzia, ao caos e ao panico. Aliás, "Museu em panico" foi o titulo que dei ás minhas linhas de registro.

Nelas, procurei sublinhar que, se esse Museu desde o começo desejou — não estando a isso de forma alguma obrigado — contar com a colaboração direta dos artistas, impunha-se-lhe, mesmo tardiamente, aprender a tratar com eles. Tratar "com eles" e, não, tratar "deles". Efetivamente, o problema da instituição, nesse setor, está apenas em estabelecer um dialogo de igual para igual pois, apesar de todos os defeitos que neles supoem os preconceitos burgueses e que, de modo geral, seriam acatados como qualidades intrinsecas por qualquer intelectual consciente, os artistas haverão de merecer o respeito do Museu, ao menos como os indiscutíveis criadores daquela mesma arte que, por definição, lhe dá sentido e justificativa á existencia. Eis o que, com plena evidencia, se verificou não existir quando os artistas, primeiro, sentiram faltar-lhes segurança civil no trato com a instituição e, depois, foram amavelmente solicitados ao despiste á protelação. Surpreenderá que tenham vindo á rua?

Surpreenderá, sim, aos que, ainda há pouco, os tratavam com soberba tolerancia e pretendida superioridade, que em sua manifestação não tenham os artistas confirmado nenhum sequer daqueles preconceitos que, habilidosamente, se busca manter em circulação. Em primeiro lugar, porque ao invés de dividirem-se, como nas discordancias acerca de jurís e premios, uniram-se para recusar, frontalmente, o que, nas enganosas concepções correntes, poderia ser tido como uma excelente oportunidade material. Acrescenta-se a isso, para desconso dos "superiores", que na manifestação, enquanto durou, não surgiu um sintoma sequer de alcoolismo, de boemia, de histeria, de agitação irresponsavel. Pelo contrario, sem jamais chegarem á sisudez funerea, os artistas desenvolveram seu plano de protesto com equilibrio e sensatez reveladores de plena consciencia de sua responsabilidade pessoal e funcional, integrando-se num coerente "esprit de corps".

Vai mais longe, ainda a meu ver, o significado dos sucessos do diá 6. Para que não se creia estar eu tentando tirar consequencias gerais de um fato, que muitos gostariam de ter como particular e isolado, bastará lembrar o conteudo da serie de tres artigos cuja publicação terminou no ultimo sabado, abordando o problema da liberdade efetiva dos criadores e criticos de artes nos países americanos de economia ainda fraca e, portanto,

incapaz de dar corpo a um mercado especializado. Neles, em termos validos para o Continente, busquei caracterizar o cerco estreito que se poderia estabelecer pela junção, eventual ou premeditada, das forças limitadoras que se encarnam na rede internacional dos "marchands" e que aqui poderão encontrar, imitadores de igual intenção, enquanto por outro lado, com o mesmo efeito de alienação, operam todas as formulações do protecionismo paternalista de varia estruturação, tanto estatal quanto privado. Longe, bem longe estava de supor que tão logo se mostrasse, de forma efetiva, a disposição de luta e o inconformismo das vitimas dessa conjuntura adversa á liberdade de criação, como, aliás, sabem os que leram os tais artigos, de pessimista conclusão. Resolveram os artistas, senão desmentir-me (o que, em caso assim, lhes agradeceria com autentico prazer), ao menos obrigar-me a novo desenvolvimento das ideias genericas que tentei esboçar.

Realmente, só há um modo de reagir alguém aos imperativos duma conjuntura que o solicita á alienação: tomar consciencia da situação e, nela, bem definir a posição que legitimamente é sua. Ora, outra coisa não fizeram os artistas de São Paulo, distinguindo, nitidamente, os planos da criação, da exposição e da compra-e-venda, das obras de arte que, tangendo-se embora, não se devem confundir, nem, tampouco, escapar ao dominio de uma só e mesma etica fundamental. Foi o que, com exemplar didatismo, demonstrou José Geraldo Vieira no artigo vigoroso e justo que publicou sobre a tão comentada manifestação. Foi também o que fica sublinhado pelos artistas que, sabendo-se submetidos ao imperio de certas necessidades ou aspirações e, porisso mesmo, não ignorando a que ponto poderia subir o preço de sua satisfação, denunciavam, de antemão, a quota que consideram moralmente escorchante. Se, amanhã, alguém quiser submeter-se, ou a tanto vir-se forçado, será de publico e notorio conhecimento a verdadeira natureza do que se passa. É, pois, fácil e direto o julgamento da situação.

Em outras palavras: transcendendo á grave questão particular em que souberam tomar posição firme e digna, os artistas, com sua manifestação, demonstraram haver atingido novo e mais alto estagio no processo de autoconsciencia, formulando, de forma clara e precisa, os quadros eticos que reputam essenciais á sua condição pessoal e á sua função social. Assim, não porque a quisessem, nem sequer porque se apressassem em assumir tal posição, mas apenas porque mais ninguém a tanto se dispôs, transformaram-se na pedra-de-toque para a aferição da legitimidade de qualquer ação futura nos meios artisticos. Esta a razão pela qual, em si mesma, sua tomada de posição não poderá, honesta e fundamentalmente, ser acusada de agir a favor ou contra este ou aquele, senão apenas como pura definição de principios perante a qual, doravante, se evidenciará se este ou aquele, não importando as circunstancias e as apparencias, coloca-se contra ou a favor dos artistas. Que não se diga, pois, como se tem pretendido, que os artistas poderão, embora com justa razão, prejudicar ao Museu de Arte Moderna.

Em verdade, este Museu, por seus diretores, é que se vem prejudicando fundamente a si mesmo. Afinal, museus e galerias constituem peças essenciais do atual sistema de circulação de obras e valores artisticos, não sendo, pelo só fato de se organizarem, responsaveis pelos erros que em seu nome vierem a ser cometidos. Podem existir bons museus e boas galerias — provas aí estão, debaixo de nossos olhos — e, por isso mesmo, não são intocaveis os que falham ao seu objetivo proposto e, sobretudo, aos quadros naturais de sua existencia e ação. Principalmente aqueles que, em face de suas responsabilidades minimas, preferem omitir-se, no impossivel malabarismo que de atender a todo mundo e seu pai redunda sempre em confusão e panico.

Os primeiros e principais responsaveis pela deflagração do caso que acabou trazendo os artistas á rua, não poderão pretender surpresa com ver o Museu referido nos volantes, nos cartazes, nos protestos que então surgiram. Por mais sagacidade instigadora que queiram encontrar na formula a que recorreram os artistas para sintetizar sua reivindicação, impõe-se reconhecer, objetivamente, que também não deixaram de se referir, de modo positivo e explicito, á relação que os liga, ou pelo menos deveria ligar, apesar de tudo, á instituição que lhes faltou exatamente quando mais util lhes poderia ser. Efetivamente, havendo presumido que os artistas dele dependiam, acabou o Museu por colocar-se na dependencia dos artistas. E ainda poderá dar-se por feliz por ser esta dependencia, ao contrario da que supôs ter, de ordem estritamente moral.